

Organização:  
Alexandre Brito, Celso Gutfreind, Dilan Camargo

# Sob as águas, sobre a esperança

Antologia poética sobre as enchentes no RS



editora **BESTIÁRIO**

Copyright © 2024, dos autores.

*Editor:* Roberto Schmitt-Prym

*Capa:* sobre obra de Laura Castilhos

Todos os direitos desta edição reservados.



Rua Marquês do Pombal, 788/204  
90540-000 - Porto Alegre, RS  
Fones: (51) 3779.5784 - 99491.3223  
[www.bestiario.com.br](http://www.bestiario.com.br)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

S677 Sob as águas, sobre a esperança: Antologia Poética sobre as  
enchentes no RS / organizado por Alexandre Brito, Celso Gutfreind,  
Dilan Camargo. - Porto Alegre : Bestiário, 2024.  
96p. ; 14cm x 21cm.

Inclui índice.  
ISBN: 978-65-6056-062-8

1. Literatura brasileira. 2. Poesia. I. Brito, Alexandre. II. Gutfreind,  
Celso. III. Camargo, Dilan. IV. Título

2024-1361

CDD 869.1  
CDU 821.134.3(81)-1

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : Poesia 869.1
2. Literatura brasileira : Poesia 821.134.3(81)-1

Organização:

Alexandre Brito, Celso Gutfreind, Dilan Camargo

**Sob as águas, sobre a esperança**

Antologia poética sobre as enchentes no RS

editora **BESTIÁRIO**  
Porto Alegre, 2024

## Sumário

Alexandre Brito	9
Altair Martins	11
Ana Lasevicius	13
Armando Trevisan	14
Athos Ronaldo Miralha da Cunha	15
Caio Riter	17
Carlos Nejar	18
Caroline Milman	20
Cátia Castilho Simon	21
Celso Gutfreind	23
Colmar Duarte	25
Cristian Verardi	27
Dani Langer	28
Demétrio de Azeredo Soster	29
Dilan Camargo	30
Eleonora Medeiros	31
Élvio Vargas	33
Fernando Fiúza	34
Fernando Neubarth	35
Gabriel Perissé	38
Gabriela Silva	39
Gláucia de Souza	41
Helena Terra	42
Jairo Luiz de Souza	43
Jonata Nunes	46
Jorge Rein	48
José Eduardo Degrazia	49
José Nedel	52

José Weis | 53  
Laís Chaffe | 54  
Liana Timm | 55  
Lilian Rocha | 56  
Lucas Krüger | 58  
Luciane Slomka | 59  
Lucio Carvalho | 61  
Luís Dill | 62  
Luiz Coronel | 63  
Manuela Lopes Dipp | 65  
Márcia Funke | 66  
Maria Alice Bragança | 68  
Maria Carpi | 69  
Marilice Costi | 70  
Marlon Almeida | 72  
Michelle C. Buss | 73  
Milene Barazzetti | 75  
Myriam Beck | 76  
Nil Kremer | 78  
Osmar Ransolin | 79  
Paulo Soroka | 81  
Pedro Gonzaga | 83  
Ricardo Silvestrin | 84  
Roberto Schmitt-Prym | 85  
Rodrigo Carpi Nejar | 86  
Rogério Gomes | 87  
Rossyr Berny | 89  
Rudi Renato Jr. | 91  
Sandra Santos | 92  
Thomaz Albornoz Neves | 93  
Vera Ione Molina | 94



## **Apresentação**

A ideia, desde o começo, foi levar alguma poesia para as muitas vítimas das enchentes no RS. Poderia parecer secundário, mas toda prosa lúcida diz que não é. A poesia faltou antes da catástrofe e será necessária depois.

Não havia tempo para maiores preparações e, no chamado aos poetas, era preciso entrar logo neste bote.

Então, faltou até o mote de pedir que fosse um texto sobre a enchente. Perdão, Drummond, mas esse acontecimento demandava poesia.

E veio muita, com poemas diretos no tema, outros ao largo, pouco importa, vieram poemas líricos, épicos, dramáticos, gauchescos, para crianças, adultos, adolescentes, mas a poesia tem idade? Importava mesmo era mantê-la viva que, sem poesia, nada se constrói ou reconstrói.

A todas essas e aquelas, diversidade é uma das marcas maiores dessa obra.

Alguns textos flertam com a prosa, outros até a adentram, mas não seria a hora de discutir gêneros literários ou não incluir toda expressão. Entre os autores, acadêmicos, não acadêmicos, consagrados, jovens, vítimas que perderam suas casas e suas bibliotecas e, muitas vezes, a leitura dos originais fez os organizadores chorarem como choram, fora das páginas. Importa é que 59 poetas aderiram à causa e mergulharam nas suas consequências.

Na correria das águas, nomes foram esquecidos, alguns lembrados não tiveram tempo de enviar. Deve haver problemas de revisão, erros a mais, concordâncias discordantes, incluindo até os nomes dos autores, mas era preciso ser rápido para espalhar a poesia, o mais depressa possível, e levá-la aos abrigos. Sim, a poesia era urgente. Sim, a poesia abriga. Não havia tempo, e fomos assim mesmo,

salvando o que dava de poético, mesmo sabendo que uma perda na arte não se compara à da vida, embora também se saiba que ambas, vida e arte, precisam viver juntas e essa pode salvar aquela.

Dois poetas gaúchos, parceiros de empreitadas menos urgentes, tomaram essa iniciativa e logo foram acolhidos por um terceiro e por um editor-poeta, todos conterrâneos que se dispuseram a fazer um livro, sem custos, para ser doado, falado, distribuído, onde for possível, e assim será.

No entrevero de contribuições, chegou um poema do Nordeste. O convite havia sido feito aos poetas gaúchos, mas, no ruído, como recusar uma doação que, mesmo abstrata, tem serventia de água, afeto e pão?

Sabemos o quanto um poema precisa de tempo para se tornar maduro, daí o nosso agradecimento enorme a todos que entenderam o sentido da urgência, abrindo mão da obsessão diante do perfeito e do que tentava ser definitivo na arte, neste momento em que a vida nos assegura que ela também não é.

Em meio ao caos, uma convicção foi sentida sempre: a palavra também é abrigo, especialmente se encontrar o ritmo, este que nos acolheu desde o princípio e nos acolhe agora.

Os organizadores



# Alexandre Brito<sup>1</sup>

## Chovia

chovia  
chovia cachos de uvas  
e cada uva que caía  
batia no coração

e onde não chovia  
entre um pingo e outro  
sol fazia  
sol amarelo ouro  
de girassol e rouxinol  
sol de iluminamento  
sol de clave de sol

mas a trovoada troou  
e o trovão trovejou  
e era uma trova ríspida  
meio lágrima, meio líquida  
feito lamento de vento  
na curva do pensamento

e chuva choveu de novo  
chuva de gema e clara de ovo  
chuva fora do normal  
descomunal  
de ovo não mais oval

---

<sup>1</sup> Escritor, compositor, articulador, cultural.

chuva sem sala de aula  
sem recreio  
chuva sem caminho do meio  
sem ponto final  
chuva sobre chuva  
demasiada  
chuva clave de sal

maior que tromba de elefante  
que orelha de gigante  
maior que o maior autofalante  
que baleia cantante

depois da chuva passada  
uva branca  
uva preta  
uva passa, veio a vó  
e fez sagu de panelada

doce como  
segredo de abelha  
desejo de estrela  
luz de lua batendo na telha  
lembrança de infância  
derramada na areia.

## **Altair Martins<sup>1</sup>**

### **Não serei a imagem de um cartão-postal**

Para os amigos e parentes de Guaíba e Eldorado do Sul

Na margem ofendida do lago  
eu não serei o que foi um caibro de cedro,  
nem serei o que foi um pote de sorvete,  
nem o que foi a bola que agora  
é uma casca de fruta custando a apodrecer.

Não migrarei para a água ferida  
que ainda se mexe  
mesmo sem sangue.  
Também não fugirei no barco da fotografia  
que aprisiona um horizonte.

Muito menos aceitarei a areia cansada  
ou os móveis que mergulham  
à espera do esquecimento.  
Não verei o televisor  
que me fez esquecer  
e será esquecido  
pelos peixes que não precisam sorrir.

Falo  
antes do oxigênio  
e sua marcha ruiva  
nos safanões da pele,  
e sua neblina branca  
na tarde dos olhos.

---

<sup>1</sup> Altair Martins (Porto Alegre, 1975). Professor da Faculdade de Letras e de Escrita Criativa na PUCRS. Publicou *Labirinto com linha de pesca* (poesia, 2021) e *A paisagem presa na coleira* (poesia, 2023).

Escrevo  
antes da tosse  
e dos verões que virão ranzinzas  
depois que a chuva vomitar os mortos  
que nunca tiveram nome.

Na margem triste do lago  
eu desejaria ter o luxo de ser a nuvem:  
mais leve do que prestes a morrer.

Por enquanto  
prefiro não ter mais bandeira  
e sarar dos lugares que ocupei  
porque eram lugares de homens brancos.  
E não quero trabalhar de casa,  
por mais que isso renda,  
porque assim deixarei de almoçar entre os amigos.

Na margem morta do lago  
terei a decência de ter dito não.

## **Ana Lasevicius<sup>1</sup>**

### **Mais-valia**

Havia um homem vivo numa vala. Lá ele dormia, vivo. Valha-me Deus, vivo! Respirava, e ninguém ouvia.

O homem da vala ninguém via. De manhã, o orvalho cobria a pele fria sobre suas veias quase vazias.

De noite, veio a chuva. A enxurrada. A água, o esgoto, o Guaíba. O homem da vala não foi velado. Esvaiu-se.

---

<sup>1</sup> Ana Lasevicius, escritora e ilustradora; paulistana radicada há dez anos em Porto Alegre; formada em Comunicação Social e pós-graduanda em Psicologia Analítica

## **Armindo Trevisan<sup>1</sup>**

### **A vida é ainda maior**

É quando as águas tornam-se insensatas  
e esquecem que elas são irmãs da vida,

que os homens se apercebem de que a vida  
é maior do que sua triste solidão.

É dentro de seu medo e sua dor  
que eles sentem que a Vida ainda é maior

do que tudo o que a humilha e a destrói.  
Maior que a vida é somente o amor.

---

<sup>1</sup> Armindo Trevisan nasceu em Santa Maria em 1933 e vive em Porto Alegre. Professor universitário e ensaísta, é um dos maiores poetas brasileiros.

# **Athos Ronaldo Miralha da Cunha<sup>1</sup>**

## **Banhos de chuva**

Os banhos de chuva  
ficaram na infância.  
Tanto em Santiago  
– lá no Boqueirão –  
na volta do Silvio Aquino  
como em Ramiz Galvão  
nas férias de fim de ano.

Depois da chuva  
um cafezinho quente  
com cueca-virada  
que só a vó fazia.

À noite, o sono embalado  
pela chuva no telhado.

As águas não são as mesmas  
da nossa infância  
da nossa memória afetiva  
e efetiva daqueles lugares.

Não temos a fragrância  
dos campos.  
Não temos mais a luz  
dos pirilampos.

---

<sup>1</sup> Nascido em Santiago, Athos Ronaldo Miralha da Cunha é funcionário aposentado da Caixa Federal. Autor de oito livros de crônicas, contos e um romance: O código Locatelli.

Banhos de sanga  
e pitangas nos matos  
somente na lembrança.  
Santiago e Ramiz  
não estão no retrato  
deste meu céu gris  
em maio de 24.

E que os rios  
sigam os seus cursos  
em direção ao mar  
lá na sua infância.



## **Caio Riter<sup>1</sup>**

### **Falares**

Não falo de mim,  
falo de nós,  
falo de homens, de mulheres,  
de tantos e de tantas, bichos e gentes.  
Falo de casas às margens,  
de pessoas à margem,  
de águas que não entendem limites,  
de poderosos que não aceitam limites.  
Falo de nós, falo deles,  
falo de ruas alagadas, de vidas inundadas,  
de crianças que – dobraduras de papel –  
lançam barquinhos nas vermelhas águas,  
teimosas mãos, teimosos sorrisos.

---

<sup>1</sup> Caio Riter é escritor, mestre e doutor em literatura brasileira. Possui vários livros publicados, com os quais recebeu alguns prêmios e distinções.

## **Carlos Nejar<sup>1</sup>**

### **Antielegia à enchente**

Amo a água maternal,  
água de me beber o sonho,  
ou de ir-me purificando  
na chama da luz.  
E banha o tempo.

Amo a vegetação  
da água, quando  
a natureza se acende  
no fulgor dos animais.  
Ou a chuva que, em ervas,  
canta e o sol na água nua,  
como mulher que, de amor,  
se apura.

Mas chuva, se excessiva,  
mata, inunda casas, estronda  
cargas de velhas nuvens,  
afoga e é como as enchentes  
roem a sombra de meu povo,  
em tambor bate a fome.  
E o desastre não socorre  
a imberbe vida.

---

<sup>1</sup> Carlos Nejar é autor de inúmeras obras de poesia, teatro, prosa. É considerado um dos maiores poetas brasileiros. Membro da Academia Brasileira de Letras.

E vejo ruas, praças invadidas,  
com água que nos engole,  
água de perversa índole,  
ferina, desatenta.  
E sei que nosso pampa  
na peleja, resiste.

Erguemos a cabeça  
e a água não derruba  
o povo. Não, a água  
não. O povo é mais  
que o rio, a enchente.  
O povo é força  
que brota na semente.  
E árvore de gerações  
faz a floresta,  
que, de crescer,  
não cessa.

## **Caroline Milman<sup>1</sup>**

### **Parteiras do mundo**

Chão, porta, janela, telhado.  
O tamanho da pessoa passa pela fresta  
porque um dia ela nasceu.  
Quando passa uma, passa várias e  
então, as parteiras todas do mundo se reúnem.  
(até as aposentadas).

As parteiras não confabulam.  
Essas, do mundo, agem em silêncio e concentração.  
Se entendem entre elas.  
Tiram coisas grandes de espaços pequenos,  
Suplicam o grito das criaturas  
para que possam encontrá-las  
(e encontram)

Lá no fundo do que seria um quarto  
de uma casa se lá houvesse uma,  
a gaita vai saindo da lama e  
num acorde silencioso começa a embalar a chuva.  
(que chove)

Quem ainda tem janela pode ver  
o som da gaita tentando domesticar a chuva.  
E as parteiras do mundo se encarregando do resto.

---

<sup>1</sup> Psicóloga, graduada pela PUC-RS, psicoterapeuta da infância e adolescência (CEA-PIA) e psicanalista de crianças, adolescentes e adultos (SBPdePA). Publicou em 2012 o livro de poemas *Aqui Jasmim*, vencedor do Prêmio Açorianos 2013, na categoria poesia.

## **Cátia Castilho Simon<sup>1</sup>**

### **Por onde anda Pilatos?**

na infância  
ouvi histórias de crimes  
contra crianças  
às margens do Guaíba  
e o encantamento  
do pôr do sol

águas no meu olhar  
medo sedução horror arrebatamento

quem são os culpados  
nesta tragédia anunciada?

a criança que transita  
sob os olhos displicentes  
de mil Pilatos?

ou os que sabem da voracidade  
das cheias e dissimulam?

onde estão agora  
os que escamoteiam  
verdades  
rasgam relatórios  
negam dados científicos  
arreganham ganâncias  
roubam presente passado e futuros  
de crianças, rios e florestas?

---

<sup>1</sup> Cátia Castilho Simon escritora, poeta e professora. Integra o Mulherio das Letras/RS, exerce a vice-presidência cultural da AGES, 2023/2024.

por quanto tempo ainda  
sujeitos ocultos  
ficarão sob o escudo  
de simulacros de Perseu?

## **Celso Gutfreind<sup>1</sup>**

### **Sob as águas**

sob as águas  
tantas águas  
e tão grandes

a palavra  
é pequena  
pouca

e nem sólida  
ela é  
nas encostas  
ou nos vales

o que vale?  
não encosta  
no pé do ato

sob as águas  
no pescoço  
sobre a súplica

comida água  
água bote  
bote água

---

<sup>1</sup> Psiquiatra, psicanalista, escritor, nascido e residente em Porto Alegre, autor de 58 livros, entre poemas, crônicas, ensaios e infanto-juvenis.

pé de pato  
dez remédios  
para a mágoa

a palavra  
é o que temos  
para sermos  
sob as águas



## Colmar Duarte<sup>1</sup>

### Cheias

O rancho do pescador,  
como um barco, naufragou  
ancorado no barranco  
que a enchente grande afogou.

Aquele que pouco perde  
porque muito pouco tem,  
não pode esperar, nem pouco,  
senão, se perde também.

Aos corcovos da chalana,  
dos remos as rédeas faz,  
são esporas silenciosas  
os olhos grandes dos piás.

Onde andarão os caminhos,  
os rastros onde andarão?  
Depois que as águas baixarem  
eles reaparecerão.

Trazendo todos de volta  
ao mesmo rancho costeiro,  
à beira do mesmo rio,  
ao mesmo antigo pesqueiro.

---

<sup>1</sup> Natural de Uruguaiiana, onde reside, Poeta, romancista, tradutor, criador da Califórnia da Canção Nativa do Rio Grande do Sul, membro da Academia Rio-Grandense de Letras.

Quantas águas passarão  
sem seu destino mudar,  
sina de ir e voltar,  
remos e linhas nas mãos?

Sonhando com outra vida  
num mundo menos vazio,  
vivendo à margem da sorte,  
morrendo à margem do rio.

## **Cristian Verardi<sup>1</sup>**

### **Caronte à deriva**

devolve o céu à terra  
o peso de nosso descaso

engole o lodo / respira o choro

o presente afogado  
regurgita o preço do passado

navega o choro / amaldiçoa o lodo

a geografia do caos  
transmuta a rua de minha infância

acalenta o lodo / transpira o choro

barquinhos de papel  
não singram mais suas sarjetas

lodo / choro / lodo

Caronte à deriva se perde nas vielas  
alagadas da cidade.

---

<sup>1</sup> Cristian Verardi é poeta e cineasta. Graduado em Letras pela UFRGS, autor do livro *O diabo belisca meus calcanhares* (Ed. Artes & Ecos, 2017), e membro fundador da Associação de Críticos de Cinema do Rio Grande do Sul (ACCIRS).

## **Dani Langer<sup>1</sup>**

### **Rio Grande**

Equilibrado na cumeeira de um telhado  
um homem esmurra  
as telhas afogadas pela enchente.  
Arrebenta.  
Do ventre dos escombros  
nasce um cão.

---

<sup>1</sup> Dani Langer é escritora e mestre em Escrita Criativa.

# **Demétrio de Azeredo Soster<sup>1</sup>**

## **idades transbordadas**

idades naufragadas  
transbordadas

verdades afogadas

desejo  
que a gente não esqueça

que a esperança  
    não desapareça  
    que um novo dia  
        aconteça

---

<sup>1</sup> Demétrio de Azeredo Soster, gaúcho de Porto Alegre, é escritor, professor e pesquisador de jornalismo da Universidade Federal de Sergipe (UFS). É autor, entre outros, de *O sonho da sombra* (Catarse, 2020).

## **Dilan Camargo<sup>1</sup>**

### **Águas brabas**

Virão as águas  
pragas bíblicas  
verticais  
águas de aço  
serpentes hídricas  
vorazes  
medusas líquidas  
vertidas da ira da natureza  
sem ilíadas, sem lusíadas  
na fúria das águas míticas  
que pareciam extintas.

Virão as águas  
aguçadas  
barrentas, brabas  
de nuvens híbridas  
(sétima antimaravilha)  
virão coagular  
o nosso plasma  
nas veias da alma.  
Enquanto durar o dilúvio  
cada humano  
será sua própria ilha.

---

<sup>1</sup> Dilan Camargo é poeta. Tem livros publicados para crianças, jovens e adultos. Foi Patrono da Feira do Livro de Porto Alegre em 2015.

# Eleonora Medeiros<sup>1</sup>

## Cozinha de molho

Vamos cozinhar em outro lugar, a cozinha foi inundada.

Pegamos panelas, mas o fogão ficou. Lembrei do livro das receitas da avozinha, mas ele não estava na gaveta. Não sabia que não ia dar para voltar. Não deu tempo de pegar mais nada. A água subiu rápido demais. Subiu como leite que ferve. A gente leva conosco agora estas coisas e pegamos o resto depois, disse isso e puxei a mana para que se apoiasse no meu braço. As receitas do livro da vó, agora moram na memória.

Mas a gente leva as receitas junto, embala os sabores em finos papeis de lembranças. Massa filo, finas camadas, pincelar manteiga entre elas. As canções, as histórias, tudo que é etéreo vai conosco. Cozinhar no seco, no abrigo, mesmo que com os olhos úmidos. Não deu tempo de pegar quase nada.

A Avozinha sempre gostou de abrir a janela e ver o rio. Ver o sol se pôr no rio. Ponha a gema na mistura sempre antes de pôr no fogo. Que bom que ela não viu que o rio arrombou a janela. Os peixes nadam entre as travessas. Ferve o bacalhau no leite depois de dessalgar. Difícil temperar com esperança, difícil dessalgar mesmo com toda esta água, este charque. Quando chegarmos no abrigo, vamos conseguir papelão, jornal para forrar o chão debaixo do colchão. Camadas de molho, presunto, queijo e massa. Tanta gente vai conosco. Vamos nos voluntariar para a cozinha. Quantos sacos de arroz vai precisar para cozinhar pra tanta gente? Quantas xicaras de água? Quantas xicaras de água foi preciso para a cozinha inundar? Colocar o arroz arbóreo no refogado de cebola e alho poró, fritar e despejar a taça de vinho. Não deixar secar. Me-  
<sup>1</sup> É escritora de Literatura Infantil, Contadora de Histórias. Patrona de várias feiras do livro do Rio Grande do Sul.

xer sempre. Ir colocando o caldo de legumes aos poucos, sem parar de mexer para o arroz ficar cremoso soltando o amido. Quanto tempo leva o abraço para soltar alívio?

Em um jantar podemos servir entradas, caldos, prato principal e sobremesa. Na chegada terá coleta de dados, café, exame médico, entrega de um kit, uma alimentação mais reforçada, um espaço delimitado para nós três, e no final aquele abraço até soltar amido. A cebola tem camadas translúcidas e a substância que ela solta ao ser cortada, hoje se chama empatia.

O barulho do remo na água turva lembra a colher de pau na panela do caldo. O cheiro de lama é forte, não paro de sentir, não passa. Eu gostava de colocar os pés na lama na beira do rio. Ver os girinos. A única água cristalina na nossa rua são as nossas lágrimas. A dos socorristas também. Vou fazer um arroz com leite, bem temperado com especiarias, para agradecer depois o senhor que nos resgatou. Estão descarregando bastante leite dos caminhões. Este leite tem gosto de piedade, todos estamos pedindo, mas eu queria agora um café com leite. Bem como a avó fazia, ia pingando com cuidado, sabia que eu gostava fraquinho. Quanto de terra precisa para turvar a água? A água vai baixar, mas a lama vai ficar. E esta nem vai ter girino. Com lama a gente não pode cozinhar. Mas a comida vem da terra. A terra do canteiro, onde plantei salsinha e manjerição. A gente tinha hortelã no canteiro, mas secou no pé. Eu queria ter usado. Queria ter lido o livro mais vezes. Será que ele vai estar lá? Será que a letra da vó vai estar toda borrada? Desbotada? Feijão que fica de molho muito tempo, desbota. Feijão tem que deixar de molho na noite anterior. Quantos dias vamos ficar de molho?



## Élvio Vargas<sup>1</sup>

### **Ibirapuitã: profissão rio**

Nos cerros de Santana  
lavraste teu nascimento.  
Escriturado no caminho das águas  
és operário volumoso  
das lavouras que te bebem  
andante luminoso das luas que te guardam.  
Minguado, resistes ao açoite do sol  
à rudeza das secas.  
Das aguadas profunda emerge  
um murmúrio dos afogados  
a elas...se confessam  
os filhos de Iemanjá.  
Nas praias alguma ninfeta soluça  
gozando à volúpia dos remansos.  
As pedras ao longo dos anos  
perdem a litogravura das lavadeiras.  
Os barrancos debruçados sobre as águas  
ávidos esperam o dilúvio das cheias  
estendendo no varal  
- a solidão molhada de uma ternura submersa-  
Esta é a tua sina...de moço, velho e doente.  
Esta é a verdadeira profissão de um rio...

---

<sup>1</sup> Élvio Vargas nasceu em Alegrete, membro da Academia Rio-Grandense de Letras. Sua poesia completa, *O almanaque de todas as estações*, foi publicada pela editora Bestiário em 2023.

## **Fernando Fiúza<sup>1</sup>**

### **Chuva malvada**

A Chuva é caprichosa  
só para quando quer  
sua mãe Natureza  
não tem moral, nem regra  
a Chuva tem a quem puxar  
– quem sai aos seus  
não degenera.

---

<sup>1</sup> Fernando Fiúza (1961) nasceu em Maceió, publicou seis livros de poemas, é professor de Literatura na Universidade Federal de Alagoas e fez mestrado e doutorado na França (Grenoble).

# **Fernando Neubarth<sup>1</sup>**

## **Nossa alma de gato**

Sete gatos  
Sete felinos  
Mãe, pai, cinco gatinhos

Sete mais sete  
Três vezes sete  
Vinte e uma horas  
À espera, em vigília  
No sótão da casa onde nasci

Junto a eles, nossa tia  
A última das nossas tias  
Cadeirante, acamada  
Por duas anjas carregada  
Escada condenada acima  
Com a permissão dos cupins

Mar de água  
Lama  
O susto  
Subjugou a madrugada  
Invadiu o casarão

---

<sup>1</sup> Fernando Neubarth é médico e escritor. Escreve contos, crônicas, poemas, ensaios. Premiado com o Açorianos, Henrique Bertaso e Nacional para Médicos Escritores.

Um dia, a inquieta menina  
Decidida, subiu no telhado  
Do paiol que de abrigo servia  
Aos aparatos da roça, da lida

Sombrinha vermelha aberta  
Segura de si, sonhava voar

Um grito de júbilo, e pulou  
Do voo a queda foi ao chão  
A palha do milho debulhado  
Serviu de pouso e colchão

Sete gatos  
Sete felinos  
Mãe, pai, cinco gatinhos  
Cada qual com sete vidas  
No sótão da casa onde nasci

Lá também nasceu nossa tia  
A última das nossas tias  
Conta essa noite cem anos  
Soma mais que sete vidas

Pinta, borda, faz crochê  
Cuida das próprias unhas  
Mãos e pés, vistoso esmalte

Ordena que ao relógio do avô  
Não falte a corda bem dada  
Garantia à cadência do tempo  
Saga familiar preservada

Da nossa felina tia  
Um grande filme faria Fellini  
Ou Cukor, De Sica, Kramer, Lumet  
Daniel Mann, Monicelli, Visconti, Renoir  
Roberto Rossellini ou Pier Paolo Pasolini

Para vivê-la nesse roteiro  
História digna de cinema  
Só uma atriz seria capaz  
Anna Magnani, a indômita  
Tigresa, bravura, paixão  
Dilúvio em forma de gente

Sete gatos  
Salvos da enchente  
Sete gatos sobreviventes  
Mãe, pai, cinco gatinhos  
Nós, e a nossa tia também.

## **Gabriel Perissé<sup>1</sup>**

### **Impaciência**

tudo o que aconteceu  
ontem anteontem  
ficou depositado  
        não me pergunte onde  
as infinitas disputas  
quem tem razão  
quem não tem razão  
        não me diga mais nada  
carros em velocidade  
homens mulheres crianças  
procurando alimento nas lixeiras  
        não me venha com poesia  
o calor do corpo amado  
pouco a pouco se esvaindo  
saudade solidão  
        não me faça confidências  
videntes prometem rever  
sábios prometem explicar  
a morte um dia também morrerá  
        não me peça paciência

---

<sup>1</sup> Gabriel Perissé, escritor, poeta, tradutor, professor, palestrante, autor de mais de 30 livros.

## **Gabriela Silva<sup>1</sup>**

### **A grande noite**

A grande noite trouxe as águas  
E eram muitas e tantas  
Que a sede se tornou medo  
E qualquer sumo, pesadelo

A grande noite roubou o sono  
Soltou bruxas e demônios  
Solidão e fome  
Abandono e doença

As entranhas de todos os bichos  
Foram consumidas e a carne se desmanchou  
A terra apodreceu seu ventre  
Encharcado pela água do céu e das lágrimas

Homens e mulheres  
Semearam o pavor  
Única semente a brotar  
Do solo pútrido

O mundo perdeu seu tempo

Quando a chuva passar  
Quando pudermos sair  
Quando a alegria voltar  
Diziam todos em suas lástimas

---

<sup>1</sup> Gabriela Silva é doutora em Teoria da Literatura, poeta e professora de Estudos Literários na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Campus São Lourenço do Sul.

Parece que amanhã teremos estio  
Dizem os mais antigos  
Espiaremos sobre os escombros  
Para vislumbrar algum presságio

E seremos os únicos, ruínas de ossos e peles  
A esperar o dia  
A fugir da morte  
Pela certeza da vida



## **Gláucia de Souza<sup>1</sup>**

### **Fluidez**

Não trair  
A matéria das águas  
Que fluem pelos rios  
E desaguam em fios,  
Esculpem paredes,  
Cultivam seus cursos  
E sempre traçam  
Seus próprios impulsos.

Não parar  
O recurso do mundo,  
Ir do topo até o fundo  
E chegar sem planos  
À essência do tempo,  
Cruzando os anos,  
E seus dias minutos.

Bordar cada folha molhada  
Que do tanto que nada  
Vai morar no oceano.

---

<sup>1</sup> Gláucia de Souza é escritora, nascida no Rio de Janeiro e residente em Porto Alegre desde 1994. Tem mais de 30 livros publicados, a maioria de poemas.

## **Helena Terra<sup>1</sup>**

### **Dias Ateus**

Nesta geografia  
neste ano par  
sobre os destroços  
dos sonhos  
e do trabalho  
desprendidos  
da sorte  
e das mãos de  
quem labuta  
atados aos ossos  
e dedos  
dos responsáveis  
despreparados  
para a violência  
das águas  
crianças  
mulheres  
e homens  
como num filme  
proibido  
para menores  
contemplam  
corpos  
barcos  
e botes  
enquanto serpentes  
comem maçãs  
e trocam favores  
diante dos olhos  
incrédulos  
de Caronte.

---

<sup>1</sup> Helena Terra é autora dos romances: A condição indestrutível de ter sido, Bonequinha de lixo e Os dias de sempre.

# Jairo Luiz de Souza<sup>1</sup>

## Poesia na alma

Meu nome é Jairo Luiz de Souza. Sou escritor. Sou morador do Bairro Harmonia, Rua José Verissimo, 252, em Canoas-RS. Sou coordenador da Biblioteca Comunitária Dilan Camargo, situada no mesmo endereço. São quatro décadas morando no lado oeste da cidade, com quinze anos dedicados a compartilhar a leitura com a comunidade, principalmente com as crianças.

Diversas vezes sofremos com as questões climáticas, enfrentando chuva de granizo e temporais. Em vários casos tivemos o telhado destruído, além de outros prejuízos. No entanto, em todos os casos tivemos a colaboração de amigos para recomeçar. No último temporal, com muito esforço, conseguimos trocar todo o telhado da biblioteca por telhas de zinco. Duas semanas antes do dia 4 de maio desse ano separei os livros por autor. O acervo ficou muito bem organizado e limpo. No fatídico dia 4 as notícias começaram a chegar sobre a possível inundação do bairro.

No início, não acreditei achando que fossem apenas boatos. A tarde foi passando e a preocupação aumentando. Por ser deficiente físico não tinha como erguer os móveis da minha casa, muito menos proteger os livros da biblioteca de uma eminente enchente. Por volta das 18h, muitas pessoas haviam mandado mensagens de que o Bairro Mato Grande, ao lado do meu, estava sendo inundado. Exatamente às 19h um vizinho veio me avisar de que o dique da Vila Mathias Velho havia se rompido. O pavor tomou conta de nós. Não sabíamos para onde iríamos e quem poderia nos buscar, já que nossas filhas moram em Porto Alegre e

<sup>1</sup> Poeta, cronista, contista.

não havia mais nenhum acesso a Canoas. Juntamos poucos pertences, a nossa cachorra, a Lola, e ficamos esperando auxílio.

Felizmente um casal amigo, Jorge e Carol, souberam da nossa situação e vieram nos buscar. Deixamos a casa por volta das 20h, contemplando entristecidos o nosso lar e a biblioteca. Tudo ficou para trás com a esperança de poder voltar um dia e recomeçar a nossa rotina, reencontrar os vizinhos, o mercadinho, a farmácia, e o Sacolão, lugares que frequentamos quase que diariamente. Particularmente, o que mais me doeu foi deixar a biblioteca, como também a minha casa, imaginando o que poderia acontecer com os quase os quatro mil livros que com tanto zelo reuni, principalmente com doações de pessoas e instituições. Na biblioteca eu tive a realização de muitos sonhos. Realizamos lançamentos de livros, oficinas de cordel, encontros de escritores com alunos da rede municipal e estadual do município. Promovemos festas no Dia da Criança e no Natal, sempre oferecendo livros como o melhor presente. A biblioteca era o local que eu mais me sentia bem, uma energia positiva se apossava de mim. Ficava feliz quando uma criança, um jovem ou um adulto entravam e escolhiam um livro para levar para casa. Dentro do carro do casal amigo que nos resgatou, eu vi imagens que não sairão da minha mente, como por exemplo, vendo boiar nas águas barrentas Machado de Assis, Erico Verissimo, Fernando Sabino, Josué Guimarães, Ruth Rocha, Monteiro Lobato e muitos outros autores da literatura infantil que moram no meu coração. Ver tais imagens me deu um sentimento de angústia e mal-estar. Perder todo o acervo é muito dolorido para quem ama os livros, para quem dedicou uma parte da vida a descentralizar a cultura oferecendo à comunida-

de acesso gratuito aos livros. Dói muito, dói demais saber que os seus sonhos foram engolidos por uma enchente sem precedentes. Sei que milhares de pessoas estão passando por esse momento terrível, cheio de incertezas e de dor. Torço muito para que todos tenham força e resiliência para dar a volta por cima e reconquistar suas casas e seus sonhos. Depois que a enchente baixar vou precisar da ajuda dos amigos com doações de livros de literatura para num futuro breve reabrir a nossa biblioteca comunitária. Também conto com os amigos para conseguir voltar para a minha casa e retomar a vida que tínhamos. Levei muitos tombos em sessenta e dois anos de vida, mas nunca abaixei a cabeça. Apesar de tudo, de todas as mazelas, ainda acredito que a vida só é plena quando se tem poesia na alma.

## **Jonata Nunes<sup>1</sup>**

### **Cada um**

Cada um  
trouxe seu fardo  
cada um  
trouxe na bagagem suas dores  
cada um  
trouxe num pedaço de pano  
seus sentimentos  
cada um  
deixou um pedacinho de si  
dentro daquelas águas imundas  
que assolou nossas vidas

cada um  
trouxe suas histórias  
cada um  
trouxe suas trajetórias  
cada um  
trouxe em seus pensamentos  
as estrofes de uma noite de desespero

É triste cada situação  
É

Dá vontade de chorar  
Dá

---

<sup>1</sup> Jonata Nunes, Gari e Escritor, do Bairro Ríó Branco, em Canoas, lançou os livros de poemas *O tempo é prioritário - Poeta do asfalto e Minhas dores, meus calmantes, meus vícios, meus relaxantes*.

Queríamos fugir pra algum lugar  
Sim

Mas nosso refúgio  
é dentro do nosso próprio lar

Que se chama coração

Não podemos nos abater agora  
temos que unir forças

Não podemos desanimar agora  
temos que erguer a cabeça

Pra depois essa história ser contada  
de diversos ângulos

Não podemos deixar nossa última chama se apagar sobre  
essas águas sangrentas

Vamos manter essa chama acesa

Que se chama Esperança...

## **Jorge Rein<sup>1</sup>**

### **Enchente**

e deitou-se a chorar  
o céu de luto  
como se nem jamais  
fosse amainar

somos dois terços d'água  
às vezes mais

---

<sup>1</sup> Poeta, contista e dramaturgo. Nascido no Uruguai, reside em Porto Alegre desde 1971.



## **José Eduardo Degrazia<sup>1</sup>**

### **A cidade invadida pelas águas**

Vi a minha cidade ser lentamente absorvida  
[pelas águas,  
a chuva incessante corroendo os muros carcomidos,  
pessoas caminhando pelas ruas invadidas pelo lodo,  
ruas onde eu andei, parques e praças  
[da minha juventude,  
tomadas pelos fluxos que destroem todos os debuxos,  
as águas subiram até o teto das casas, os animais  
equilibravam-se bravamente sobre breves tetos,  
a enxurrada varria auxiliada pelos ventos.

Vi as avenidas, agora tomadas pelos barcos,  
os arcos das pontes vencidos pelos leitos de lama,  
edifícios invadidos pela soturna folhagem do Dilúvio,  
a enorme catástrofe das nuvens obscuras do tempo.

Os velhos bairros de boemia e juventude,  
onde bebíamos cerveja até altas horas,  
tudo foi sendo tomado pelo barro e umidade,  
os cachorros e os gatos perdidos pedem socorro,  
uivam em unísono com a melodia do terror  
que se mantém à tona feito uma tuba que move a turba  
de desalojados, migrantes do clima, novos vagamundos  
que perderam suas casas e dormem ao relento  
ou sob leves barracas de esquecimento.

---

<sup>1</sup> José Eduardo Degrazia nasceu em 1951 em Porto Alegre. É poeta, ficcionista e tradutor. Tem livros publicados em muitas línguas e recebeu prêmios nacionais e internacionais.

Vi a cidade que amo sendo invadida,  
peixes nadavam nas suas avenidas,  
um jacaré pescava na descida  
que levava até ao mercado público;  
a cidade, lentamente, devorada pelas ondas,  
não mais tinha retretas e sonetos,  
de helicópteros que salvavam vidas  
os sons das hélices visando mundo,  
buscando os que perderam tudo e nada.

Vi a minha cidade submergindo,  
os gritos de horror das gentes sofridas,  
eram sinais de morte e de partida.  
Lentamente as pessoas acorreram, com barcos,  
[com canções,  
com roupas, com alento, voluntários  
[da vida entretecida,  
levaram água e comida, remédios, amor e poesia.  
Ninguém nunca viu tanta dor e tanta gente partindo,  
mas, ao mesmo tempo, tanta gente trabalhando,  
cuidando, atendendo, para salvar.

Desde a margem destruída do lago,  
desde a face mais escura do destino,  
escuto vozes que pedem socorro,  
gente, animal, e planta, soluçando.

A mão do homem destruiu a natureza,  
agora está pagando o que foi feito:  
são as catástrofes que estão vizinhas.  
que afogam, matam, destroem, vitimam,  
independente do que pensam os negacionistas.  
A minha velha cidade se esboroa feito castelo de areia,  
sempre a imaginamos forte, indestrutível, invencível,  
mas chuvas duras nas cabeceiras dos rios deflorados,  
derramam gosma, lodo, cospem vilania.

Diante da minha cidade destruída,  
ajoelho pedindo aso deuses que iluminem  
os senhores do dinheiro e da política,  
para que pensem o futuro além do lucro,  
para que o tempo não seja apenas morte,  
e que não tenhamos apenas lacre  
a tapar a nossa boca.  
Só assim a cidade será permanente,  
e nos absolverá dos crimes cometidos  
pelos bandidos e pelos inconsequentes.  
Só assim não seremos inclementes.

## **José Nedel<sup>1</sup>**

### **Sobrevivência & Reconstrução**

Não provêm as catástrofes do nada,  
Sempre há uma causa ou várias concorrentes.  
O acaso é tese falha e descartada  
Pelos que têm nos olhos boas lentes.

Não consta, ao mais, na história bem contada  
Alguém de nosso entorno ou de outras gentes  
Que não tivesse tido uma topada  
Com azar, desgraça, secas ou enchentes.

Forças atuando em brava sinergia  
Ameaçam instaurar em nós fobia  
Ante um porvir incerto presumido.

Resista-se, sem outra via sequer  
Do que no instante ousar sobreviver,  
Para ter mundo, após, reconstruído.

---

<sup>1</sup> José Nedel (1934-). Natural de Itapiranga, SC, é formado em Letras Clássicas, Filosofia e Direito, Mestre e Doutor em Filosofia. Juiz de Direito e Professor aposentado. Membro da Academia Rio-Grandense de Letras. Autor de muitos artigos em jornais, revistas e obras de autoria coletiva, bem como de verbetes em dicionários e de mais de duas dezenas de livros individuais, a maioria com teor filosófico e humanístico.

**José Weis<sup>1</sup>**

**Levantes dos rios, mortos vivos**

Séculos submetidos a maus tratos  
um dia as suas águas se revoltam  
desde o céu, chuvas arrastam os vivos  
humanos, bichos, livros  
tudo que as águas encontram pela frente  
enquanto helicópteros atravessam os céus  
levam e trazem socorro  
barcos cortam as águas resgatam vidas  
voluntários, militares, profissionais de saúde  
amparam, carregam, curam, escutam...  
ajudas vêm de todos para todos  
uma corrente contra a enchente

---

<sup>1</sup> José Weis nasceu em Porto Alegre, RS, é jornalista diplomado. Participou nos anos de 1990 do grupo Vício & Verso, ao lado de Celso Gutfreund e José Antônio Silva. Autor de *Lenhador de Samambaias* (IEL, Coleção Originais, Porto Alegre, 2012).

## **Laís Chaffe<sup>1</sup>**

Para quando baixarem as águas  
para quando, afogados os ogros,  
para quando secarem os egos  
Deus Prometeu, finalmente, o fogo.

---

<sup>1</sup> Poeta, contista, editora e cineasta. Premiada no Festival de Cinema de Gramado.

## **Liana Timm<sup>1</sup>**

encolhida entre o cais e a vida  
vou além da margem  
buscar os limites do humano

a natureza em rebelião  
afoga a inoperância  
de quem negligente  
vira as costas  
pouco se importa  
com os ventos

tudo é planejado  
ao abandono da quietude

na mesa do café  
o desenho da toalha  
serve à arrogância  
em cobertas de prata

o descaso põe fim ao retratável  
derrete as âncoras  
sem lástima nem vergonha  
num mórbido prazer egoísta

a paisagem não mais nos acolhe

---

<sup>1</sup> Liana Timm é multiartista. Transita pelas artes visuais, pela literatura, pelas artes cênicas e pela música. Publicou 69 livros, destes 20 são individuais de poesia. Recebeu 17 prêmios nas diversas áreas de atuação.

## **Lilian Rocha<sup>1</sup>**

### **Ouço pingos de chuva**

Ouço pingos de chuva  
Coração acelera  
Na mente imagens  
De uma tragédia  
Anunciada e não evitada.  
Ouço pingos de chuva  
Coração acelera  
Lembro dos abraços solidários  
Da falta d'água potável  
Das águas barrentas  
Do nosso amigo Guaíba  
Pergunta onde está  
O mais lindo pôr-do-sol?  
Choro a morte  
Encharcada da incompetência  
Do descrédito  
Da crise climática  
Choro  
Como pingos de chuva torrencial  
Em um manancial  
De ajuda voluntariada.  
Ouço pingos de chuva  
É Gaia chorando  
Pois seus filhos  
Não aprenderam nada  
E as bençãos da água sagrada  
Foi transformada

---

<sup>1</sup> Lilian Rocha é natural de Porto Alegre/ RS. É analista clínica, escritora, musicista, educadora biocêntrica, ativista, nasceu poeta e tem seis livros autorais.



Em medo, desolação,  
Calamidade.  
Ouço pingos de chuva  
E homeopaticamente  
Quero esperar  
Quero acreditar  
Que dessa vez  
Faremos o tema de casa  
Pois a conta  
Foi muito alta  
Aprendemos por repetição  
Mas cometer os mesmos erros  
É burrice.  
Ouço pingos de chuva  
E o meu coração dispara  
Desnudo-me  
Mergulho  
E no meu pulsar  
Vibro com outros corações  
A ressoar comigo!

# Lucas Krüger<sup>1</sup>

## Sem título

A casa onde vivi 20 anos já não é  
lar conforto colchão

Como dar abraço no ar,  
catar memórias sem chão?

Para onde vai o abraço da terra  
quando a fúria da água só afoga?  
Onde ressoa o eco quando falta a palavra?

Mesmo entre as sombras que se alongam  
eu vivo do fogo - ignis - que guardo  
bem no nome e no amor de meu filho

No gole do resto, na centelha final  
junto aos ossos de meus cães  
há tanto enterrados no quintal

eu ainda estou respirando.

---

<sup>1</sup> Lucas Krüger, dentre outras publicações, é autor de *O sonho da vírgula* (2015) e *Homenagem à nuvem* (2017), livros de poemas, e de *Por que o divã? Perspectivas de escuta e a poética da psicanálise* (2023), voltado ao público psicanalítico.

## **Luciane Slomka<sup>1</sup>**

### **Boia**

Na casa submersa boiam objetos pessoais  
[da mãe cansada  
Materiais escolares do filho pequeno  
Escamas de paredes navegam e se desmancham  
[no tempo

A rua da infância vira canal para a água descontrolada  
porque, coitada, não teve para onde ir  
Foi tomado de cidade tudo que antes era mato

Não deram caminho para as águas correrem  
agora quem corre delas somos nós

Estou afogada no sussurro  
de minha gente desabrigada.

Poesia é abrigo, mas não concreto,  
Sustento, mas não matéria  
Beleza, mas não a penteadeira da bisavó

Eu, que de nascença fui deserddada de memórias  
pelas guerras dos meus ancestrais  
Vejo agora deserddados de lembranças  
por outro tipo de guerra.

---

<sup>1</sup> Luciane Slomka é psicanalista, professora universitária e escritora. Natural de Porto Alegre (RS).

Não são objetos, são de ene a  
Não são roupas, são a epiderme de  
    [uma identidade afetiva  
Chora um estado em  
estado de calamidade  
Cala uma noção assustada

Coisas não são coisas  
Coisas são histórias,  
abandonos de outras

Afogo no corpo das palavras encharcadas  
Tentando respirar um futuro

Estou cansada de boiar  
Para tentar enxergar o céu

# Lucio Carvalho<sup>1</sup>

## Ramada

O delicado costume que a água tem  
de ser varrida à distância  
para que o oceano a inunde.

A paciência anônima da pedra  
entre outras pedras iguais  
para que se erga a muralha.

O dia em que pensei ter nascido  
e era apenas um dia idêntico  
aos demais, dos tantos no calendário.

A suficiente manhã, sua luz sem preço  
que é só a ausência da noite –  
esta, sim, essencial.

O vento que não é nada, movimento  
vulgar das ramas no sopro  
insensível da ramada.

---

<sup>1</sup> Lucio Carvalho é escritor e editor da revista literária Sepé. Autor de, entre outros, “La Minuana” (TAN / 2023) e “Inventário” (TAN / 2022).

## **Luís Dill<sup>1</sup>**

outono deságua  
o grito líquido  
das nuvens

---

<sup>1</sup> Luís Dill nasceu em Porto Alegre em abril de 1965.

## **Luiz Coronel<sup>1</sup>**

### **As águas de maio**

poema testemunhal

Riscam os céus trovões e raios,  
era o mundo vindo abaixo.

As ruas virando rios,  
becos virando riachos.

Famílias em desespero  
derrubam o teto, o forro  
e, de pé sobre os telhados,  
abanando por socorro.

Barcos, canoas, caiaques  
remam remos agitados,  
colhendo vidas humanas,  
legiões de desabrigados.

Tantas “lágrimas na chuva”,  
há tanto pranto incontido.  
Quantos mortos são os mortos,  
quantos desaparecidos?

Helicópteros, ambulâncias,  
ensurdecedor alarido.  
Templos, salões, escolas,  
improvisados abrigos.

---

<sup>1</sup> Luiz Coronel, sem aplausos ou vaias, um poeta, ansioso por dizer da vida o seu pesar e encantamento.

Uma casa submersa  
foi pedestal ao desvelo,  
à heroica resistência  
do “Cavalo Caramelo”.

Desnudaram as montanhas  
e a vegetação das encostas,  
a natureza, algum dia,  
viria dar sua resposta.

Mas, do fundo da tragédia,  
inesperado calvário,  
brota na alma do povo  
aquele sentir solidário.

Os rios têm seu destino,  
andar em busca do mar.  
Não culpem os nossos rios,  
“as águas querem passar”.

Não procure os culpados.  
Jogue ao poder o seu pleito.  
Avalie o que faremos,  
o que deixou de ser feito.

Virão obras engenheiras  
dando aos rios novo percurso.  
Valas, diques e muradas  
dispensando-se discursos.

Mas não estamos sozinhos,  
mundo abaixo, mundo acima.  
Seja o futuro tão belo  
qual por de sol do Guaíba.



## **Manuela Lopes Dipp<sup>1</sup>**

Linhas e traços  
Dividem e cortam  
1941 e 2024  
A mesma água invade  
A igual desesperança  
Deságua

Meu bisavô, Salvador de Rose, alfaiate  
E eu, costurando versos e cobertores

Não aprendemos nunca com o passado

Permanecemos tecendo  
Destino.

---

<sup>1</sup> Poeta, coordenadora do Sarau da Invencionática, curadora do Selo Invencionática da Editora Bestiário e advogada.

## **Márcia Funke<sup>1</sup>**

### **Menino barco**

O menino amava o rio  
Ele era sempre novo, dizia o avô  
Sem pressa, tranquilo  
Levava os seus barquinhos de papel

Era bom vê-los partindo  
até sumirem de vista  
atravessando o horizonte  
na busca de sonhos escondidos

Um dia, o rio chegou  
E nem bateu na porta  
Foi entrando, bem depressa  
sem pedir licença

O menino quis ficar  
Mostrar seus desenhos  
Sua coleção de pedrinhas  
Fazer dobraduras

Mas o pai, mais ligeiro que o rio  
Com seu braço anzol  
Levou-o pro alto  
Pra perto do céu que chovia

A mãe chovia também  
Agarrada ao menino

<sup>1</sup> Márcia Funke Dieter, nascida no RS, é escritora, contadora de histórias e palestrante. Tem vários livros publicados, em especial, para o público infantil.

Que não queria deixar  
A visita abandonada, sozinha  
Ele queria chegar mais perto  
Ter um dedo de prosa  
Com o vizinho que chegou  
Veio ao seu encontro

A mãe segurava-o firme  
Assim como o avô segurava o rosário  
Ela rezava aqui, o avô acolá  
E o pai no silêncio, acompanhava

Demorou, mas o céu secou  
E, aos poucos, foi sorrindo estrelas  
E alumiu o peito do menino  
Que cresceu, cresceu, cresceu até virar barco

Barco que deslizou pro rio  
Rio que o esperava, feliz  
O menino amava o rio  
Ele era sempre novo, dizia o avô

## **Maria Alice Bragança<sup>1</sup>**

### **Lua nova em touro**

Habita-me um sentimento sem nome.  
Penso na palavra tristeza,  
mas ela não dá conta.

Chuva fraca sobre Porto Alegre,  
tão pouco alegre nesta quarta-feira.

---

<sup>1</sup> Maria Alice Bragança nasceu em Porto Alegre, cidade de seus amores e de sua vida inteira. É poeta e jornalista.

## **Maria Carpi<sup>1</sup>**

Nasci em Muçum às margens do Taquari.  
Fomos cortando uma a uma as árvores  
à sombra de Muçum. Fomos deixando o leito  
do Taquari e seus afluentes sem o amparo  
das encostas de flores e frutos. O açúcar  
dos canaviais morro adentro agora salga  
nossas lágrimas. Os peixes e as tartarugas  
afundam em Muçum e as chuvas afogam  
o rio sem a balsa dos sonhos que enfermam  
o sonhador das encostas alagadas. Muçum  
aos pés de Nossa Senhora dos Navegantes,  
enlaçava a prosa e a poesia da existência  
e de quebra fazia Cristóvão Colombo  
descer da barca e se ajoelhar na praça.  
Muçum e o Taquari agora doendo em mim.  
E a dor é uma pessoa doendo em mim.

---

<sup>1</sup> Poeta e Defensora Pública nascida em Muçum, recebeu o Prêmio da APCA pelo livro de estreia *Nos gerais da dor*.

## Marilice Costi<sup>1</sup>

### A Pátria no meu chão

Arquetípica resiliência do sul  
no Rio Grande se espalha  
remexe parte de mim em tempo de ser forte  
e acolho lugar e memória

Décadas de megafone - tantos surdos!  
Deus também cansa do desamor

o asfalto do descaso engoliu sarjetas  
vedou bocas, antes de lobo,  
hoje gargantas que engolem um todo

o cenário é de guerra  
espelho de coletivo adeus  
Deus brasileiro?  
o abuso de tantos  
que invocaram sua palavra em vão

o Rio Grande sangra  
no varrer das águas, são veias  
e carimbam o mapa dos corpos

tudo chora mais que eu,  
no soluço eterno das casas outrora segura  
colos procuram abrigos  
colos se esparramam

---

<sup>1</sup> Escritora e poeta (Prêmio Açorianos 2006). Especialista em Arteterapia. Mestre em Arquitetura, Urbanista. Editora da revista O Cuidador. Cadeira 7 da Academia Literária Feminina do RS.

olhos bloqueiam a palavra  
oceano impotente frente à fúria  
de quem tanto já sangrara

erguem-se mãos em rosários  
mães suplicam por Maria  
e reivindicam: Deus! Volte!  
Esquecemos o caminho.

enquanto o fluido da vida regurgita  
busca o equilíbrio e quer o antigo leito  
as águas revolvem interiores  
as almas se estraçalham

mas geram correntes que se fundem  
em corações que se abrem solidários

Sirenes! Holofotes! Vozes!  
Tudo é grito que se move  
aves descem do céu, golfinhos singram águas, anfíbios  
enfrentam solos  
universo de invisíveis cuidadores  
que ao tempo todo aporta

## **Marlon Almeida<sup>1</sup>**

Partiu, a roupa do corpo  
a esperança na manga.

Partiu, no vidro dos olhos o rio,  
no fundo a lembrança:

àquele que roga  
*a fé não costuma falhar.*

E canta.

---

<sup>1</sup> Professor de Literatura e Língua Portuguesa do Colégio de Aplicação/UFRGS. Professor do Curso de Pós-Graduação em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura CAp/UFRGS. Coordenador do Ensino Médio CAp/UFRGS. Membro do grupo de pesquisa de Leitura, Inclusão e Acessibilidade (LEIA).



## **Michelle C. Buss<sup>1</sup>**

acordei  
era outro agora  
outro ritmo cortando o tempo  
fumaças de corvos desenhando destinos no céu  
a fome, o massacre de sonhos

acordei  
sem reconhecer onde  
as calçadas povoadas de inexistências  
as ruas um cortejo de ilusões  
corpos atirados ao chão  
em meio a uma multidão automatizada

acordei  
sem compreender o tempo  
minutos trocados por dólares  
o preconceito carimbando documentos de identidade  
enchentes de abandono  
soterrando aqueles condenados a não ter um nome

acordei  
perdida em alguma Cancún de sonâmbulos  
portas e rostos fechados  
um paraíso artificial de tédio  
amordaçando com likes instagrâmicos  
a verdade interior de cada um

---

<sup>1</sup> Michelle C. Buss é filha da Terra, é poeta, cantora, compositora e curadora. Tem cinco livros de poesia publicados, o mais recente pela editora portuguesa Exclamação.

acordei  
entre incêndios de ancestralidades e florestas  
entre inanes e desanimados  
a semântica das sedes pesando as línguas  
o medo calibrando armas  
desenhando alvos nas cartografias da pele  
rotulando artigos gramaticais  
etiquetando almas

acordei  
em um tempo passado  
encharcando o presente  
enquanto um futuro incerto debruça-se  
sobre o amontoado de inseguranças

acordei

e nesse horizonte em ruínas  
o canto do caburé  
e a poesia aberta  
em pétalas do mandacaru  
abriram meus olhos

## Milene Barazzetti<sup>1</sup>

### Procura-se

O cachorro late do lado de cá  
Procura um amigo do lado de lá  
Quem será?

O gato mia na casa da tia  
Procura um amigo que não pia  
Quem será?

O pássaro canta no equilíbrio do fio  
Procura um amigo que está com frio?  
Onde ele está?

O cavalo relincha lá no alto  
Procura um amigo num sobressalto  
Onde andarás?

Cachorro, pássaro, gato  
Cavalo e demais animais,  
Cada um no seu espanto,  
Ouvem o trovão lá no alto!

Cadê o amigo?  
Onde ele estará?  
Onde andarás?

Lá dentro está o amigo.  
Lá no alto do apartamento.  
Observa atento a chuva,  
Que uma hora há de cessar.  
E assim a todos novamente... Reencontrar!

---

<sup>1</sup> Milene Barazzetti é escritora, contadora de histórias e professora.

## **Myriam Beck<sup>1</sup>**

### **Rotina das águas**

Noites de tormenta  
corpos na correnteza impura  
água lamacenta  
relâmpagos alumiam o que o diabo  
apronta agarrado à cola  
do escuro

depois, torna calmaria, então  
uma casinha de papelão molhado  
sonha ser branca alvenaria  
a mais sábia das galinhas cocorica enquanto cisca o charco  
que o extraordinário mata  
e um dia calmo se sustenta

uma menina dá à luz e alimenta  
seu rebento de colostro gordo,  
o suficiente  
o amor vence  
mesmo encharcado, ao relento  
mesmo com dentes apodrecidos  
envelhecendo cedo

---

<sup>1</sup> Formada em Filosofia, funcionária concursada do Senado. Colunista do site Via Política, participou da Antologia de Poetas do RGS; publicou Por causa do vento no bosque (contos).

na cidade dos mendigos naufragados  
há grande dignidade no cão sarnento resgatado  
e quando o vento congela  
a jovem mãe consola  
um dia a sorte vira  
e a brisa cicatriza  
teu narizinho ranhento

## Nil Kremer<sup>1</sup>

### Submergir e retornar

não é Macondo, mas nos sentimos em  
[“Cem anos de solidão”

é que tanto resgate, embora amenize  
não seca, não enxuga, não faz o tempo voltar  
quando o mínimo é o máximo  
a perda marca em barro o intraduzível  
desmoronam alicerces forjados em história  
as vozes de algozes da água ecoarão  
[em tempos vindouros

não é o “Ensaio sobre a cegueira”  
na cosmovisão a garantia da vida  
a garantia de que formigas dependentes  
[do ecossistema

teimam em ruminar privilégios, mistério tosco  
inexplicáveis derrocadas que findam em nada

é que tanta fissura de dementes daltônicos  
é que tanta lacuna que papel não compra  
é que tanta onda, maremoto de desespero  
não vale o tempero ilusório de uma vida fugaz  
em que a barganha é pela cédula  
em que a vergonha é ver dia a dia  
morrer o humano que há em nós

### submergir e retornar

1 Nil Kremer é bolsista mestranda em Educação (UCS). Publicou o livro independente e artesanal *Kamikaze* (Da Gaveta, 2016), da Coletânea *Misterioso Sul- Lendas em poemas* (Elos do Conto, 2018), está na antologia *As mulheres poetas na Literatura brasileira*, organizada por Rubens Jardim e lançada pela editora Arribaçã e lançou este ano o Livro *Antes que o torpor vença*. pela editora Patuá.

## **Osmar Ransolin<sup>1</sup>**

### **Não era só um cavalo**

Não era só um cavalo...  
Era um monumento vivo  
Dos andarengos da Ibéria  
Que mesclou em cada artéria  
Do rubro sangue nativo  
O ancestral primitivo,  
- Cara limpa, lombo nu -  
Que carregou o xirú  
Pelas terras missioneiras  
E que tombou nas fileiras  
Das tropas de Tiarajú.  
Não era só um cavalo...  
Era a própria imagem  
Do Rio Grande açoriano,  
Que alargou meridianos  
Pelas rotas de passagem,  
Era o cavalo selvagem  
Rasgando campo e fronteira  
Perdido na polvadeira  
Ou entre a chuva e o vento,  
E que invadiu Sacramento  
Com Dom Cristóvão Pereira.  
Não era só um cavalo...  
Era o esteio da lida,  
Que a cada marcha tropeira  
Se fez alma aventureira

---

<sup>1</sup> Osmar Ransolin é poeta catarinense, casado com Franciela e pai de Marco Antonio, Mariela e Marissa. É payador e advogado na cidade de Fraiburgo (SC), e membro da Estância da Poesia Crioula.

Pra ofertar a própria vida,  
E nesta saga sofrida  
De desbravar o sertão,  
Percorreu cada rincão  
Desse Brasil continente,  
Sustentando nossa gente  
Pra erguer uma Nação.  
Não era só um cavalo...  
Era um herói da terra  
Que a história não menciona,  
E que o covarde abandona  
No entrevero da guerra!  
Que vendo a morte, não berra,  
Porque engole o sofrimento  
- Soldado sem regimento  
Da velha estirpe proscrita -  
Que foi garupa pra Anita  
E montaria de Bento.  
Não era só um cavalo...  
Era o Rio Grande em pelo!  
E no horizonte da incerteza  
Enfrentou a natureza  
Neste último atropelo,  
Tostado sem marca e selo  
Pelo-duro que se amansa,  
Que na rédea é uma balança  
E na vida é um regalo  
Cavalo que é bom cavalo  
Pro trabalho e pras crianças.  
E não era só um cavalo...  
Era também um amigo,  
E um amigo não fica pra trás...



## **Paulo Soroka<sup>1</sup>**

### **Águas de maio**

O céu deságua  
por aqui  
desaba  
inundando vidas  
fustigando almas  
descolorindo o arco-íris  
Humanos náufragos  
procuram palavras  
para descrever  
o indescritível  
buscam acalanto  
para seu pranto  
buscam terra firme  
Buscam-se

O planeta segue  
em movimento  
ondas do mar  
mantém seu  
vai-e-vem usual  
ventos fazem  
árvores farfalharem  
gente continua  
se amando  
bebês nascem  
a cada novo dia

---

<sup>1</sup> Paulo Soroka é psiquiatra, membro da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. É autor de três livros de poemas e coautor de várias coletâneas. Participa de associações literárias.

crianças sonham  
com o futuro  
Sonham

Somos todos  
grãos de areia

## Pedro Gonzaga<sup>1</sup>

### I

não se pede de uma vela  
a capacidade de romper a escuridão

uma lâmpada doméstica comum  
tem a luz de sessenta velas

um punhado de versos não arde  
feito óleo carvão gordura ou gás

revela apenas a sombra dourada  
de um rosto humano

ofício mínimo é manter um lume  
contra as forças da água e do vento

---

1 Pedro Gonzaga (Porto Alegre, 1975) é músico, escritor, tradutor e professor de escrita criativa. Desde 2022 vive Buenos Aires, de onde escreve a coluna Buenos Aires: Hora Zero. Recentemente lançou *Porto Alegre blues* (2023), seu décimo primeiro livro.

## **Ricardo Silvestrin<sup>1</sup>**

### **Poema interativo**

“Não é hora  
de apontar  
os culpados.”  
É hora  
de \_\_\_\_\_  
os culpados.

---

<sup>1</sup> Ricardo Silvestrin é escritor e músico. Recebeu por cinco vezes o prêmio Açorianos de Literatura.

## **Roberto Schmitt-Prym<sup>1</sup>**

ausência de vento  
nessa tarde mormacenta -  
prenúncio de chuva

tragédia eminente -  
um guarda-chuva vermelho  
desfila em anúncio

lágrimas de outono

---

<sup>1</sup> Roberto Schmitt-Prym, é membro da Academia Rio-Grandense de Letras, autor de 14 livros. Recebeu dois prêmios Açorianos, além do Prêmio Jabuti como editor.

## Rodrigo Carpi Nejar<sup>1</sup>

### Onde o coração tem voz

A casa do gaúcho não é um lugar, mas um sentimento.  
Mora-se no brio, onde o coração tem voz e a voz é movimento.

O olhar é sempre atento, conformado tanto para o longe como ao que vai bem perto, porque o imenso do Pampa se perde de vista e se reencontra por dentro.

Mesmo quando as pálpebras se fecham, permanece aceso no peito o pavio da esperança, para que os sonhos virem lembrança e sirvam ao lustro da estrada.

Já na marcha extenuada, no esforço de seguir adiante, se o corpo responde, sem nem ter mais por onde, é porque o gaúcho tem a alma calejada.

---

<sup>1</sup> Rodrigo Carpi Nejar é Promotor de Justiça e poeta. Publicou pela editora Bestiário o livro de poemas *Insana lucidez*.

## **Rogério Gomes<sup>1</sup>**

### **Cinza**

Olho para cima e só vejo cinza.  
Olho para os lados, para rostos e para os corpos  
E só vejo cinza.  
As cores foram levadas pela correnteza dos rios  
E hoje vivem nas profundezas,  
Submersas.

Cinza é a cor do hoje  
É a cor da cor  
É a cor de tudo.  
Cinza é a cor dos olhares  
Das vozes e das palavras  
É a cor da silhueta das pessoas  
Dos sorrisos subtraídos  
Da tua dor  
E do teu pensamento.

Cinza é a cor do medo dos teus olhos  
Das nuvens baixas que te escondem  
Do grande rio que transborda  
Rebelde em seu leito  
E que no seu cinza cruel e infame  
Te afoga.

---

<sup>1</sup> Rogério Gomes é escritor e publicou *Anita e outras poesias fotografadas*, *O grande mestre e outras histórias*, *Crônicas da pandemia*, *Crônicas de Havana*, *O afiador de facas* e *O sul do teu corpo*.

Cinza é a cor do vento  
Do timbre de tua voz desesperada  
Da tua agonia  
Da chuvaafiada  
E dos temporais.  
Cinza é a cor da despedida  
Da morte constante  
Dos trovões cintilantes  
Do teto úmido da solidão das casas  
Do barro podre que amanhã te enterra  
Da água suja que carrega teu corpo  
Para bem longe de mim  
Para bem além da curva do rio.



## **Rossyr Berny<sup>1</sup>**

### **Estado de luto sangrando lamaçais**

Por bilhões de anos o planeta  
construiu-se íntegro  
para entregar-se ao Homem

Em poucos centenários  
de Revolução Industrial  
combustíveis fósseis  
capitalismo canceroso  
urbanização descontrolada  
esgotamento dos recursos naturais  
– provocamos enormes desastres  
pelo aquecimento global

Estamos pagando o preço  
do apocalipse das águas malcuidadas  
Secas mais arrasadoras ainda

Seis biomas violentamos todo dia:  
Amazônia Caatinga Cerrado  
Mata Atlântica Pampa e Pantanal  
– vítimas do lucro a qualquer preço

---

<sup>1</sup> Rossyr Berny é poeta, escritor, jornalista. Recebeu o Prêmio Açorianos de Literatura e outros; além do Prêmio Jabuti como editor, da Alcance, publicando há 40 anos. Em 2026, com 24 obras editadas, completará 50 anos de literatura. É vice-presidente administrativo da Academia Rio-Grandense de Letras, ocupando a Cadeira nº 39.

Não há humanidade sem água  
Mas há águas sem a humanidade  
As catástrofes são autodefesas  
Vingam o ambiente feito ruínas  
Devastam quem devasta

Inundados  
por construirmos a destruição  
Afogados no dilúvio  
que os gananciosos provocam

O Rio Grande do Sul em 2024  
é rascunho em preto e branco  
De todas as cores possíveis  
nenhuma vive por aqui  
Afogadas  
Salva-nos o milagre da solidariedade

Na pior catástrofe da história gaúcha  
cidades e populações são feridas abertas:

Estado de luto sangrando lamaçais

## **Rudi Renato Jr.<sup>1</sup>**

o poema deve conter uma verdade  
a ínfima parte de um sentimento  
enchente levando o coração do poeta  
desesperado  
a escrever lentamente

---

1 Rudi Renato Jr. é escritor, poeta, autor dos livros: *Mania* (Livronovo, 2018); *E quando a flor um sorriso* (Primata, 2019); *Espiritual* (Primata, 2021); *A pororoca* (Bestiário, 2023, escrito em parceria com Sérgio Canarim); *Densos delírios* (Invencionática, 2023) e *Poemas para ler em silêncio* (Invencionática, 2023).

## **Sandra Santos<sup>1</sup>**

### **Fragmento do dia**

A abelha Guaraipo recolhe na corbícula um último carregamento de barro.

A Jataí apressada ignora uma linda florada de unha-de-gato.

As lavadeiras das planícies ouvem os rugidos do céu e recolhem suas roupas do rio.

As serras das araucárias já multiplicam suas cascatas nas encostas.

O rio das Antas tornou-se caudaloso e desce furioso para o encontro das águas.

A criatura humana encanta-se com as estrelas de pixel.

Conecta-se com muitos e em muitas línguas, mas não sabe a voz de sua Mãe.

Teme o trovão! Teme o dilúvio!

Teme os deuses!

Não constrói arca alguma!

Não demora, o concílio dos rios anuncia a próxima catástrofe!

---

<sup>1</sup> Sandra Santos é gaúcha, coordenadora do Centro Cultural Castelinho do Alto da Bronze.

## **Thomaz Albornoz Neves<sup>1</sup>**

### **Durante a inundação**

Tempo de acertos de contas. De terra sem lei  
[e salva-vidas.

Em Candelária nasceu a vó Lira  
Se 1903 fosse hoje, talvez o pai não existisse.

Quem escreve durante a inundação? O coração  
[em cinzas por tudo.

Entre centenas de mortos e de perdidos o bem aceso  
[a cada resgate.

A conta é humana, não estima os ovos da cobra  
[na toca alagada

a enxurrada distante na antena do grilo o cardume sumindo  
no ralo de barro.

E no escuro, água pelo ombro,  
o vizinho esquece de saquear o vizinho.

E no escuro, na tenda do abrigo,  
há o fraco e há o forte, ambos descalços.

Buscam culpados e não há inocentes. Em dias,  
[o século perde o sentido.

Apesar da poesia, isto não é um poema.

---

<sup>1</sup> Thomaz Albornoz Neves (1963) é natural de Sant'Ana do Livramento, onde vive.

# Vera Ione Molina<sup>1</sup>

## Cruzando sangas

O céu  
mandava água  
e ele  
não vinha  
afastei  
o pensamento  
das sangas  
que cruzaria

Antes da noite  
fechar  
avistei o tordilho  
da cor da barba  
encharcada  
na porteira  
o cheiro  
do poncho

O socorro  
buzinou  
não esperaria mais  
a ordem era todos  
no abrigo  
pros lados da capital.

---

<sup>1</sup> Vera Ione Molina é de Uruguaiana. Professora do Estado aposentada e revisora de livros de ficção, tem livros publicados desde 1983. Literatura infantil, contos, novelas.



BESTIÁRIO



ARTES & ECOS 

EDITORA  LUMINA

CASA  
VERDE 

